

Telma Bessa*

Diálogo com nordestinos que moram na cidade de Roma

RESUMO: Este artigo se refere a algumas impressões e um esforço inicial de pesquisa sobre os modos de vida de um grupo de brasileiros da região Nordeste que residem em Roma e são oriundos de diversos Estados como Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Bahia. As questões que seguem são impressões pessoais, frutos do diálogo, da convivência com nordestinos e discussões sobre a presença destes em Roma, sobre os impactos da chegada, suas trajetórias de vida, bem como as relações entre estes e os demais grupos, com atenção especial as trabalhadoras domésticas. Refletir maneiras pelas quais esses nordestinos, ao chegar na cidade de Roma/Itália, viveram processos que contribuíram para as alterações nos modos de vida, percebendo as diferenças, as acomodações e/ou resistências destes, é uma das principais preocupações do estudo. Para desenvolver este trabalho tornou-se fundamental o recurso da *metodologia da história oral*, considerando prioritariamente as narrativas desses nordestinos. Através dos depoimentos, houve uma seleção de narrativas que estavam diretamente ligadas às questões como: a vida na cidade, as trajetórias e experiências no aspecto do trabalho, moradia, linguagem, relações com outros grupos.

Palavras-chave:
narrativas, nordeste,
experiências.

Vem se constituindo, há algum tempo, uma relação direta entre pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Università La Sapienza em Roma, através do diálogo com estudiosos como Alessandro Portelli que co-orienta bolsistas doutorandos sobre temáticas como migração, memória, cultura, trabalhadores, etc.

Este autor desenvolve seus trabalhos de pesquisa na Itália, onde há uma relação umbilical da história oral com uma militância política, e a partir de pesquisas com remanescentes de guerra e/ou seus familiares, contribuiu para a ampliação do sentido do trabalho da memória e a importância das narrativas

dos sujeitos. É um dos construtores de um arquivo sobre cantos populares e canções específicas do pós-guerra, além de desenvolver parcerias e convênios com escolas e instituições sociais tendo como base a realização de uma história oral dentro dos mais diversos campos de pesquisa. Estas iniciativas são realizadas através do Circolo Gianni Bosio, que é reconhecido como um verdadeiro laboratório de história oral.¹

A partir destas considerações, é neste intercâmbio de experiências que nasce este artigo. Com reflexões desenvolvidas no período de abril a julho de 2005 no qual participei de atividades realizadas pelo Circolo Gianni Bosio, esta experiência possibilitou um diálogo com nordestinos na cidade de Roma.

Trata-se de algumas impressões e um esforço inicial de pesquisa sobre os modos de vida de um grupo de brasileiros da região Nordeste que residem em Roma e são oriundos de diversos Estados como: Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Bahia.

As questões que seguem são impressões pessoais, frutos do diálogo, da convivência com nordestinos e discussões sobre a presença destes em Roma, sobre os impactos da chegada, suas trajetórias de vida, bem como as relações entre estes e os demais grupos.

Essas questões estão ligadas à uma temática mais ampla e compõem uma discussão que aborda os processos da mobilidade social, dos deslocamentos populacionais no mundo. Sabemos que um dos maiores desafios da contemporaneidade é a reflexão sobre as mobilidades sociais e fluxos de deslocamento que estão presentes em todos os continentes, considerando a diversidade de realidades existente entre países bem como as diferenças das regiões dentro das fronteiras nacionais. Esta reflexão é apontada por Yara Aun Khoury quando indaga:

*O que significa refletir hoje sobre cultura e memória num tempo em que as relações sociais se fazem em circuitos cada vez mais integrados, alcançando abrangência internacional e estendendo-se pelos meandros da vida cotidiana; enquanto nações desaparecem e outras surgem; enquanto cidades contemporâneas vão mudando seu perfil e migrações em âmbito nacional e internacional se reproduzem?*²

Neste sentido, um estudo específico sobre nordestinos em Roma poderá ser o início de uma investigação sobre o processo de mobilidade social e migração, não através de planilhas e estatísticas ou sob o prisma institucional das relações

¹ Nestes meses estive em Roma para estágio sob co-orientação do professor Alessandro Portelli. O estágio faz parte do doutorado em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² KHOURY, Yara Aun. *Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História*. In: FANELON, Déa Ribeiro e ANTUNES, Laura (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho D'água, 2004.

entre Brasil e Itália, mas conhecer o processo migratório existente, através das próprias experiências dos sujeitos que recriam e resignificam suas práticas sociais. Neste aspecto, a historiadora Yara Aun Khoury, mais uma vez, nos ajuda a compreender melhor esta reflexão:

Esses sujeitos sociais são pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente... Vivendo experiências de trabalho, construindo modos de viver e de se organizar, sobrevivendo em becos, ruas, com bagagens culturais diferentes ...³ Vivem suas experiências integralmente como idéias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, razão, desejos, como sujeitos sociais que improvisam, forjam saídas⁴

Porque um estudo a respeito de nordestinos em Roma? A importância do diálogo com os nordestinos em Roma, seria a reafirmação do compromisso político com grupos que historicamente lutam para a conquista de espaços e direitos. Neste sentido, o desafio nosso, continua a ser o de renovar a questão do diálogo. Diálogo permeado de igualdade. A luta por igualdade se coloca na ordem do dia... Além de que, através das narrativas, experiências sociais, podemos ter informações sobre grupos sociais cuja história escrita é falsa ou distorcida⁵.

Pensando nesta direção, seria o compromisso de um trabalho político implícito que não diz respeito à política institucional, formal, mas, como todo trabalho político é trabalho de mudanças e todas as mudanças são políticas (no sentido amplo da política), o fato de que a presença do historiador social pode facilitar mudanças na auto consciência das pessoas, que pode contribuir no pensar a si mesmos e no mundo, isto pode ser considerado um trabalho político.

Desta forma, é importante valorizar as histórias de vida concretas que são bem complexas, e, como aponta Mariella Zoppi, (assessora de Cultura da Região de Toscana/ Itália) permitem o desenvolvimento de relações inteligentes e co-responsáveis, seja no plano interpessoal ou social, tendo em vista uma sociedade onde existam as pluralidades dos pontos de vista das pessoas, as diferenças entre estas e onde sejam respeitadas suas histórias e suas culturas.⁶

Pensar e escrever com estas dimensões não é tarefa simples. Principalmente quando se trata de um estudo rico em potencial, constituído de vivências, significados e interpretações de sujeitos históricos em suas experiências, e processos vividos num determinado tempo e espaço. Como escrever sobre a vida em movimento? Como falar da vida cotidiana envolvendo as resistências e conformações, as tensões, disputas, sentimentos, crenças, memórias, desejos, tradições, diferenças, lutas e sonhos?

³KHOURY, Yara Aun. Entre o individual e o coletivo: narrativas orais na investigação histórica. In: **Revista projeto história, história e oralidade**, n. 22, São Paulo, Educ, 2000.

⁴ KHOURY, Yara Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo, Ed. Ática, 1995

⁵PORTELLI. Alessandro: O que faz a História Oral diferente. **Revista projeto história**, n. 14, São Paulo, Educ, 1997.

⁶ZOPPI, Mariella. Per una società consapevole delle differenze In: Migranti. Storie di vita. **Revista dell'Istituto ernesto de martino**. TARI, Marcello (organizador). Qui Noi Viviamo. Regione Toscana, Porto Franco, Itália, n. 15, novembro de 2004.

Tentando responder a essas demandas, a opção de estudo com a História Oral se mostra adequada, pois possibilita a reflexão de narrativas que são representações e significados das experiências e modos de vida, considerando o que apontam as historiadoras Marieta Ferreira e Janaína Amado:

Poucas áreas, atualmente, tem esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligadas, e demonstrado de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é sempre construção⁷.

O trabalho com História Oral, como informa Alessandro Portelli é, em primeiro lugar, a arte da escuta e do diálogo. É um trabalho de relação: relação entre a pessoa entrevistada e a pessoa que entrevista (diálogo); a relação entre o presente sobre o qual se fala e o passado do qual se fala (memória); a relação entre o público e o privado, a autobiografia e a história; a relação entre oralidade (da fonte) e escrita (do historiador)⁸.

Conviver com alguns nordestinos na cidade de Roma, conhecer suas trajetórias e experiências foi bastante enriquecedor. Me desbravei na cidade para entrevistá-los e encontrei-os na igreja, em bares, em suas casas, nas festas religiosas, em almoços organizados por eles com comida do nordeste e também comida italiana.

Localizei uma “rede” de mulheres nordestinas que aqui estão para trabalhar como empregadas domésticas, outras mulheres casadas com italianos, alguns músicos e estudantes. Todos nordestinos, falando de “cachaça, rapadura e forró”, falando português com sotaque nordestino e sotaque romano.... Nos caminhos de Roma, conversei, entrevistei, dancei, discuti, me alimentei, bebi, me diverti... Com nordestinos me achei e com eles me perdi... Tive a impressão que estas pessoas e esta cidade, longes de São Paulo e bem distantes do Nordeste, coincidiam de imediato comigo, com o mais interno, o mais íntimo. Pensamentos antigos sobre a vida de nordestinos em grandes metrópoles me vêm em mente ao encontrar conterrâneos, ou talvez não, são idéias que sempre estiveram latentes e agora têm uma ocasião para aparecerem.

As entrevistas com alguns nordestinos me colocavam novos desafios, e comecei a desvendar outra versão sobre mulheres e homens brasileiros aqui em Roma, bem diferente das que eu ouvi como: “A mulher brasileira em Roma vive para a prostituição”, homem brasileiro vem somente pra “fazer o pé de meia” e vive do trabalho e de encontros nos bares, “aqui se trabalha e se ganha dinheiro e no Brasil, se trabalha, mas não se ganha nada”.

⁷MADO M. e FERREIRA, MM (Coord) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996 p. xi-xii.

⁸P O R T E L L I , Alessandro. **Un lavoro di relazione: Osservazioni sulla storia orale**. Roma, 2000.

Conversar e refletir com estes nordestinos, sem dúvida, ampliou a percepção sobre minhas próprias raízes, considerando inclusive o trabalho de história oral que é uma experiência com dimensão interpessoal transformadora (transforma a ambos os sujeitos: o narrador e o historiador social). A partir do momento que o historiador social, por exemplo, liga o gravador, se coloca um desafio para o narrador: fazer algo que nunca havia feito (não é comum a ocasião de se contar a história de vida durante uma ou duas horas), e para o historiador social que acompanha este momento com atenção e paixão, vive uma experiência de aprendizagem, porque a entrevista é uma intervenção na realidade e não somente uma documentação⁹.

Quem são os nordestinos que participaram deste trabalho? É um grupo heterogêneo e plural, e me chamou atenção as narrativas e experiências de vida de algumas mulheres que articularam uma “rede” de contatos entre nordestinas em Roma e suas famílias.¹⁰ Algumas têm filhos (as) que permanecem no Brasil, todas trabalham como empregadas domésticas e enviam dinheiro para garantir a escola dos filhos, alimentação e aluguel no Brasil. Algumas delas, fazem planos de trazê-los para estudar em Roma. As suas narrativas são riquíssimas e impressionam pelos impactos vividos e as diferenças que sentiram ao chegarem na cidade de Roma, como apontam Maria José da Silva e Maria de Fátima da Silva:

Maria José da Silva: No começo foi duro porque você não conhece ninguém, não conhece o país, a língua. Não sabe como é, onde é. Pensei em voltar, chorava sozinha, mas eu dizia: já que eu estou aqui vou voltar pra que? E com fé em Deus você vai levando e já faz oito anos que estou aqui e estou gostando. Com fé em nosso senhor Jesus Cristo, desfazer do meu país eu não desfaço, mas com o Brasil cada vez mais difícil, eu não penso nem um minuto em voltar... Mesmo com todo sacrifício que a gente tem aqui, está melhor do que lá.

Maria de Fátima da Silva: Aí, um dia, minha irmã Maria telefonou pra nós e me convidou pra vir morar com ela na Itália. Aí eu pensei: estou desempregada, vou, e se não der certo, eu volto, pelo menos conheço outro país... Porque não é assim como se diz: sair sem eira nem beira, aos trancos e barrancos... Vou porque conheço uma pessoa lá, já tem um caminho aberto, uma porta aberta, um emprego garantido. Então pra mim não foi difícil porque

⁹ PORTELLI. Alessandro. Una Vita Non Appartiene a Nessuna Disciplina. La diversità della storia orale tra narrazione dialogica, lavoro della memoria e lavoro del linguaggio. In: CAPECCHI Mauro e MARTONE Remo (organizadores). **Memorie “di classe” – lavorare a scuola con le fonti orali per leggere il mondo contemporaneo**. Introdução de Alessandro Portelli e Cesare Bernain Cesp – Cobas, Massari Editora, Itália, 2005.

¹⁰ Entrevistei 10 nordestinos dentre os quais estão: Maria de Fátima da Silva, Edite da Silva, Maria José da Silva, Maria das Graças que residem no Cipro, além de Silmara Barcelar, Adriana Lima e Meire Alcântara que residem no bairro de Monte Verde Vecchio.

minha irmã estava aqui, tive dificuldades com a língua mas a gente vai entendendo aos poucos... piano, piano... a gente chega lá. Cheguei no frio e no aeroporto abriram minhas malas e me fizeram perguntas. Faz três anos que estou aqui e ainda não voltei nenhuma vez ao Brasil.

Estas duas mulheres são do Estado do Rio Grande do Norte, região Nordeste do Brasil. Maria José é mãe de dois filhos, e no Brasil trabalhou em fábricas, casas de famílias, comércio, e está em Roma a oito anos. Saiu do Brasil para Roma com uma família (Matarazzo) para trabalhar com eles (em sua casa) e não sabia falar italiano. Atualmente trabalha como diarista em casas de família, e trabalhou no sistema fixo por vários anos. Quando chegou em Roma, tinha folga do trabalho dias de quinta feira e domingo. Nos domingos pela manhã saía para o Vaticano e a tarde, ia para a igreja encontrar os brasileiros que também residiam em Roma. Eu a conheci na Igreja, na festa do dia dos migrantes. Esta é uma atividade da igreja católica e consta de uma missa realizada em vários idiomas e dedicada aos diversos povos. É seguida de uma festa com comidas típicas dos países e danças folclóricas.

Em Roma, neste ano, a festa teve o tema: *Festa dei Popoli: Nella Città che cerchiamo* e se realizou na igreja S. Giovanni in Laterano e contou com a participação de migrantes de vários países como: África, Polônia, Brasil, México, Alemanha, Romênia, Argentina, Chile, etc¹¹.

Eis uma foto da barraca do Brasil:



¹¹No dia anterior à festa do migrante, estive na igreja preparando a comida típica do Brasil: fizemos salpicão: frango desfiado com cebola, tomate, azeitona, batatinha frita, cenoura, queijo, presunto... Tudo misturado para comer com arroz.

Eliano Aragão, cearense, e Markene do Paraná em frente à barraca do Brasil.

Nesta atividade encontrei diversos nordestinos e, desde então, os vi com maior frequência, especialmente Maria José que, ao conversarmos, evoca suas recordações, e fala do que mais sente saudade do Brasil:

O que eu sinto mais saudade é do caldinho de mocotó e do panelão de caranguejo... Minha nossa senhora, vou falar agora do caldo de mocotó que minha mãe fazia, e num calor de 40 graus, mama mia, era bom demais... A receita é: bota o mocotó na panela, água, coentro, sal, cebola verde. E também tem o pirão, o milho cozido, o cuzcuz...

Maria José limpa casas, faz comidas e durante nossa conversa me mostrou vários livros de culinária com receitas de comida italiana e comida brasileira. Sua profissão, segundo ela, permite fazer diversos tipos de pratos: doces, salgados, frios, quentes... Quando pedi pra falar sobre seu trabalho, deixou bem claro: *nestes anos que estou aqui, conheci muita gente, me dou muito bem com as pessoas que trabalho, eles tem confiança em mim, me entregam a chave do apartamento quando viajam, me convidam para passear e me sinto bem. Adoro o que faço, gosto de cozinhar.*

Maria de Fátima tem 52 anos, trabalhou em metalúrgica, gráfica, é manicure, costureira. Em 2003 foi demitida de uma fábrica, recebeu o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e comprou uma passagem pra Roma, onde sua irmã morava. Ao falar de sua trajetória, recorda tempos difíceis que viveu em Serra da Melosa/RN, cidade onde nasceu em 1953 e lá viveu até o ano de 1969. Neste ano sua família mudou para São Paulo porque seu pai aceitou o convite de um filho (do primeiro casamento) para morarem juntos e este morava em São Paulo¹².

Maria de Fátima vive em Roma a três anos e ao falar de sua vida no Brasil, afirma ter muita saudade de sua “mãezinha”, de sua família, porque é muito “agarrada” aos familiares e ao mesmo tempo narra que gosta de Roma e conta o que aconteceu de mais importante em sua vida:

Eu me emocionei muito ao entrar no Vaticano para assistir a missa de natal com João Paulo II. Gosto de estar aqui, saber que tenho história pra contar. Eu vivi tudo o que aconteceu naquela semana que o papa morreu: fiquei 9 horas na fila pra ver o papa e pra mim é um privilégio. Sei que muitos brasileiros gostariam de estar no meu lugar.

¹²Este filho ficou sem dar notícias para a família durante dez anos e quando apareceu, fez este convite que segundo conta Maria de Fátima, foi irrecusável, após dez anos sem ver o irmão.

A marca da religiosidade está presente nas palavras de Maria de Fátima. Ela é a filha mais velha e lembra das rezas com sua mãe no interior do Nordeste. Quando fala de Roma e do Brasil afirma: *Se Deus quiser quero trabalhar aqui, me aposentar e depois voltar para o Brasil. O Brasil está no meu coração, eu ando com meu santinho e uma bandeira do Brasil dentro da bolsa.*

Estas duas mulheres residem com outras nordestinas no bairro do Cipro, vizinho ao Museu do Vaticano, trabalham em casas de italianos e suas narrativas expressam as múltiplas experiências e ao mesmo tempo, apresentam tensões e diferenças. Nos vários momentos da entrevista, há o reconhecimento de conquistas realizadas: um bom trabalho, condições financeiras que permitem assumir despesas com os filhos no Brasil: escola, transporte, alimentação, moradia, vestuário...

Ambas vivem na cidade de Roma, gostam do que fazem, narram seu cotidiano “muito corrido e de muita luta”, e afirmam que é melhor viver aqui que no Brasil, pois o trabalho em Roma é garantido. Um dos aspectos bastante evidenciados por elas é a beleza da cidade: os monumentos, jardins, praças, parques... Tudo muito bonito e respeitado, com uma preservação que não se vê no Brasil.

Elas falam de suas vidas antes e depois de chegarem a Roma e das mudanças ocorridas com elas mesmas ao conviverem com pessoas de outras culturas:

Maria José da Silva: Aqui você muda completamente os hábitos: os modos de comer, de ser, de vestir. Por exemplo: aqui em Roma é assim: no inverno você come comida com pimenta, macarrão e molhos que ajudam você a se manter quente, e no verão você come comida leve, fria, como salada de arroz, verdura e muitas frutas da época como melancia.

Maria José fala de um hábito alimentar que incorporou nestes oito anos de moradia em Roma. Uma das vezes em que almocei em sua casa, a comida feita por ela era pasta com molho de verdura, carne no forno com batata e melancia para sobremesa. O tempo das nossas conversas foi “temperado” com falas sobre comidas italianas e brasileiras. Suas narrativas expressam que ela sabe fazer os dois tipos de comida, gosta de ambos, porém hoje demonstra uma certa ambiguidade, uma riqueza cultural bem diversa, constituída no processo de vida em Roma. Afirma ter saudade do caldo de mocotó que tomava no Brasil, e hoje se pergunta como tomava-o num calor de 40 graus, e quando está de férias no Brasil, toma o caldo junto a todos de sua família, e ao mesmo tempo se lembra que está no calor e que, segundo seus novos costumes, este tipo de comida é boa para o inverno e não

para o calor do nordeste brasileiro. Todas essas curiosidades são contadas e acompanhadas por risos, brincadeiras e comentários de situações vividas por ela em Roma e também em Natal, junto com seus familiares.

Entre os interlocutores nordestinos que conversei, várias opiniões são comuns como a beleza da cidade de Roma, o trabalho que é o mais importante porque garante melhores condições aos filhos no Brasil, o ritmo que têm no cotidiano e também uma vida de muito divertimento.

Estas mulheres apontam, ainda, outras interpretações sobre a cidade e os seus “conterrâneos” brasileiros. Demonstrem diferenças que existem e visões bem divergentes sobre diversas questões como, por exemplo, o retorno para o Brasil, vejamos:

Maria José da Silva: Aqui em Roma o que não gosto é do frio. Eu não passo frio, suporto o frio. Mesmo assim não penso em voltar pro Brasil, só de férias, uma vez por ano, pra matar a saudade...

Maria de Fátima da Silva: Eu decidi vir pra Roma, comecei a tirar os documentos, o passaporte, mas ninguém acreditava que eu vinha. Trabalho numa casa muito boa, cuido de um garoto especial e gosto muito dele. Penso em ficar em Roma uns três ou quatro anos, mas quando sair minha aposentadoria, volto correndo pro Brasil, porque eu sempre quiz voltar.

Percebemos que as perspectivas são bem diferentes para ambas. Maria José não quer voltar para o Brasil, e esta opinião de fato, não é tão comum entre os nordestinos aqui. Todos com quem conversei, trabalham em Roma e afirmam que voltarão para o Brasil. Maria de Fátima é uma das que tem essa opinião: se prepara para voltar após conseguir sua aposentadoria, o que significaria tranquilidade e uma garantia para sobrevivência.

Elas indicam também em suas narrativas, sentimentos de decepção ao se tratar de relações entre brasileiros: *Aqui é cada um por si, não há uma ajuda entre os brasileiros no dia a dia, mas nas festas, shows e bares, todos se encontram e se divertem.* Cada uma tem uma história pra contar sobre desunião, desconfiança e individualismo que já presenciaram entre os brasileiros: desde casos como não pagamento de empréstimos de dinheiro à não indicação para um trabalho quando necessário.

Ao mesmo tempo, quando se fala de qualidade de vida, do ritmo de vida em Roma, das relações de amizade e afeto, enfim, de questões da subjetividade aparece nas falas que estes valores estão distantes dos seus contextos no cotidiano. Como afirmaram Maria das Graças e Edite¹³, a permanência na cidade é devido ao trabalho e por causa do futuro dos filhos. Ao afirmarem que Roma é uma cidade boa porque tem trabalho e dinheiro, que é preciso trabalhar para viver e ao mesmo tempo ao demonstrarem desejo de voltar para o Brasil, devido às relações de afeto, seus filhos que estão no Brasil, nos remete a uma reflexão se, de fato, a mudança para a Europa, para o dito, primeiro mundo, representa ainda um “sonho” de “subir na vida” e “ser alguém”.

De certa forma, estão implícitas nas interpretações reveladas, a partir dessas análises de narrativas do viver em Roma, as dificuldades da vida na cidade, bem como ao problema de aceitação das diferenças do modo de vida e culturas diferentes, além da ausência da valorização das amizades, e um viver as suas subjetividades de forma plena.

Além disso, indicam uma mudança na concepção do próprio movimento de mudança pra Itália, por exemplo. O movimento de saída para esses nordestinos não é mais como antes. As memórias e interpretações sobre este processo alteraram este movimento, e vice versa. A idéia da Europa como o lugar em que certamente se “subiria na vida” hoje não é mais tão intensa para eles e se questiona inclusive, a validade ou não desta mudança. Pude perceber esta alteração nas próprias narrativas dessas mulheres que têm uma opinião comum a esse respeito, como afirma Maria José:

Aqui é muita ilusão, não é o que contam pra gente lá no Brasil. Não tem mais aquele sonho de ficar milionário, que aqui tem dinheiro fácil, você trabalha e volta rico. Eu falo pra quem quer vir: pode vir mas não crie ilusão que aqui é o paraíso, que tudo é sucesso. Primeiro não tem mais emprego como antigamente, quem chega aqui do Brasil, não pense que vai trabalhar na sua área profissional porque nem os daqui têm emprego garantido.

Na tentativa de realizar um trabalho que tenha presente a vitalidade da reflexão histórica, dentro da problemática do processo de migração, compreendo que não basta fazer uma análise generalizante sobre nordestinos em grandes cidades como São Paulo ou Roma. Para mim a reflexão está num outro campo que não é somente localizar nordestinos e ouvir suas histórias, para com isso entender a presença destes nestas cidades. Reconhecer os trabalhos realizados

¹³Entrevistas realizadas na residência de Edite em Roma no dia 02.06.2005

nesta dimensão, é importante, porém, minhas indagações e interesses se colocam de uma maneira mais complexa e profunda no sentido de contribuir para uma compreensão dos significados de ser nordestino e os modos de ser e de viver.

Neste sentido, ao pensar os nordestinos em Roma, é importante não ter uma análise homogeneizadora destes, reconhecendo a pluralidade e ambigüidades das diversas formas de viver e ser que sinalizam trajetórias diversas.

Compreender as expressões de suas culturas, indagando sobre a diversidade das práticas sociais e modos culturais de viver destes sujeitos sociais é uma necessidade, explorando dimensões da religiosidade, musicalidade, danças, linguagem, alimentação. Para abordar essas dimensões, é preciso considerar as subjetividades destes sujeitos valorizando os sentimentos, os gestos, desejos e utopias, as palavras não ditas, os silêncios, etc...

Realmente é um grande desafio desenvolver uma pesquisa utilizando a História Oral e, reconhecendo as minhas limitações, apenas apontei algumas questões neste artigo. Quem sabe, outros estudos com estas abordagens possam ser realizados, especialmente com grupos de migrantes, mulheres, negros, crianças, homossexuais, etc...

E, sabendo que este trabalho não é somente meu, reforço algumas indagações que fazemos no núcleo de estudo da PUC/SP, coordenado pela professora Yara Khoury¹⁴: como incorporar e valorizar estas experiências e diálogos vivenciados, tornando-os presentes no trabalho escrito? De que forma “trazer à tona” estas vozes que são co-autoras do trabalho realizado? Seria possível na prática de pesquisa superar a visão da primazia do saber instituído sobre a realidade empírica? Em que medida consideramos o ponto de vista do outro, incorporando-o na nossa prática social? Reconhecemos e buscamos trabalhar com experiências vividas e narradas que ultrapassam os conceitos da tradição historiográfica, explorando territórios antes nunca pensados como objetos da historiografia? Uma das tarefas para nós seria escrever um texto que tenha múltiplas vozes, onde estes sujeitos se reconheçam, na perspectiva de construir um conhecimento histórico que incorpore toda a experiência humana e no qual, todos se reconheçam como sujeitos sociais.

O trabalho com História Oral transforma quem o faz, e, sabendo que esta experiência não é finita, desejo que as reflexões continuem de alguma forma, e que possa contribuir para alargar horizontes, estimular outras iniciativas, mudar a forma de entender a história e os modos de utilizar as fontes orais. Dito de outra maneira: que possamos juntos construir muitas memórias e outras histórias.

¹⁴O Núcleo se chama: Núcleo de Estudos Culturais: Histórias, Memórias e Perspectivas do Presente.



nomes de familias/pessoas no prédio onde
 Maria José e Maria de Fátima residem
 (lado esquerdo: Da Silva)

Key-words:
 narratives,
 northeastern,
 experiences.

ABSTRACT: This article is a product of a research that aimed to understand the way of life of a group of Brazilians from the Northeast Region, Brazil who live in the city of Rome, Italy, and are from different states, especially from Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Bahia. What follow are their personal impression about the impact of their arrival in Rome, their life trajectories, their presence in the city and how they manage to build their life there, as well as their relations with other groups, especially those of domestic worker. Therefore, to consider the ways in which those northeastern people lived, and how this contributed to affect and change their lives, on arriving on city of Rome/Italy, are some concerns of this study. It also aims to understand the differences, variances and resistances of these groups. To develop this research I turned out to resources from the methodology of Oral History, considering especially the narratives of this northeastern people. Via their testimonies, a selection of narratives were selected, especially concerning: their life in the city, their trajectories and experiences related to work, living conditions, language, relations with another groups.